

DE ROLIÚDE AO SERTÃO – UM ESTUDO PRÁTICO DOS PALIMPSESTOS CARNAVALESCOS DA IMAGEM-MOVIMENTO

Leonardo Augusto de Jesus (UFRJ)
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/EBA

RESUMO

O cinema compõe o imaginário de toda humanidade, integrando-se ao inconsciente estético e constituindo-se em forma matricial que se exprime nas demais práticas artísticas e representações, alcançando também o espetáculo das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. A partir de reflexões sobre as relações de intertextualidade entre a cinematografia e os préstitos do carnaval carioca, tomo de empréstimo o conceito de Gérard Genette (1989) para denominar as imagens cinematográficas que se apresentam subjacentes às visualidades apresentadas pelas Escolas de Samba como palimpsestos carnavalescos da imagem-movimento. Subordinados ao regime das artes que regula cada apresentação, tal fenômeno se apresenta sob variados planos conforme às relações que se estabelecem entre o visível e o dizível e pode ser observado em todas as divisões da competição, desde o Sambódromo da Av. Marquês de Sapucaí até a passarela da Estrada Intendente Magalhães, onde desenvolvi o enredo *De Roliúde ao Sertão: Luz, Câmera, Ação!* no desfile do GRES. Acadêmicos do Engenho da Rainha em 2020. Através de múltiplas referências textuais e imagéticas à cinematografia nordestina, busquei operar as visualidades carnavalescas segundo a função frase-imagem identificada por Jacques Rancière (2012) no seio da modernidade para promover o choque de elementos heterogêneos destinados a convocar o espectador a uma tomada de consciência. Desta forma, o desfile constituiu-se em uma grande parataxe, abordando debates necessários à sociedade brasileira na atualidade a partir de imagens cinematográficas de reconhecimento imediato e desempenhando simultaneamente papel relevante na consolidação e transmissão da memória do cinema nacional. O presente artigo pretende apresentar uma análise daquele trabalho de campo que me possibilitou a aplicação prática dos aspectos teóricos de minhas investigações sobre os palimpsestos carnavalescos da imagem-movimento.

Palavras-chaves: Cinema. Escolas de Samba. Intertextualidade. Palimpsesto. Representação.

INTRODUÇÃO

Ao tomar de empréstimo a figura consagrada por Gérard Genette (1989) em seu estudo sobre as diversas relações de intertextualidade, analisei, de forma análoga, as diferentes relações segundo as quais as visualidades das escolas de samba do Rio de Janeiro apresentam subjacente a si determinada imagem cinematográfica e apresentei as conclusões a esse respeito em trabalho anterior, intitulado *Palimpsestos carnavalescos da imagem-movimento*¹.

Naquele estudo, reconheci que o cinema integrou suas imagens ao inconsciente estético da humanidade e tornou-se modelo comportamental e de pensamento. Sua aura – o *espírito cinema* afirmado por Lipovetsky e Serroy (2009:26) – transcendeu à tela-espetáculo para tornar-se forma matricial para as práticas e representações: cinefagocitose que alcançou também as Escolas de Samba do Rio de Janeiro.

Denominei como palimpsestos carnavalescos da imagem-movimento os planos segundo os quais uma imagem apresentada pelas Escolas de Samba emula determinada imagem do cinema. Ao analisar os desfiles na hipermodernidade², identifiquei a existência de quatro tipos de operações entre as visualidades carnavalescas e as imagens cinematográficas no que se refere à forma como se relacionam à sinopse do enredo. *Representativo* é o palimpsesto que opera em conformidade com uma relação aristotélica de semelhança, submetida ao ordenamento causal da narrativa carnavalesca; a imagem carnavalesca pretende tão somente ilustrar a sinopse *representando* determinada produção cinematográfica ali mencionada. O *palimpsesto indicial* funciona sob a potência do *índice*: a imagem carnavalesca apresenta subjacente a si uma imagem cinematográfica que permite uma associação de ideias capaz de comunicar determinada mensagem, apesar de sua total dessemelhança com o objeto indicado. O *palimpsesto simbólico* promove o choque de elementos heterogêneos para transmitir metaforicamente uma mensagem contida na sinopse; opera sob a função *frase-imagem*³ que convoca o espectador à sua decifração e a uma tomada de consciência sobre determinado tema (RANCIÈRE, 2012). Por fim, o *palimpsesto ostensivo* exhibe uma imagem cinematográfica que se autorreferencia: sua presença se desdobra em mera apresentação de si e renuncia a qualquer significação oculta; pretende o reconhecimento imediato enquanto imagem destinada a despertar o deleite estético dos espectadores, desvinculando-se da mensagem textual da sinopse.

As reflexões que conduziram àquelas formulações surgiram em duas frentes de investigação: a primeira consistiu na análise dos desfiles realizados a partir dos anos 1980 que apresentaram imagens consagradas nas telas do cinema e cujas conclusões apresentei no artigo já mencionado; a segunda compreendeu trabalho de campo na função de produtor de visualidades carnavalescas. Isto porque, além de pesquisador do carnaval, atuo como carnavalesco do GRES. Acadêmicos do Engenho da Rainha, agremiação que me permitiu desenvolver um estudo prático dos palimpsestos carnavalescos da imagem-movimento no desfile oficial em 2020, realizado na Passarela da Estrada Intendente Magalhães.

¹Artigo apresentado no VIII Encontro Nacional de Estudos da Imagem – ENEIMAGEM, da Universidade Estadual de Londrina, a ser publicado nos Anais daquele evento.

²Terceira fase da modernidade, que Gilles Lipovetsky e Jean Serroy definem como “uma espécie de modernidade ao quadrado ou superlativa”, possibilitada por “uma tríplice metamorfose que diz respeito à ordem democrática-individualista, à dinâmica do mercado e à tecnociência”, ocorrida em função da estetização hiperbólica do mundo a partir dos anos 1980. *In A tela global: Mídias culturais e cinema na era hipermoderna*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 49.

³Segundo Jacques Rancière, a *frase-imagem* apresenta-se como a união da função textual e da função imageadora pela forma como ambas desfazem a relação representativa do texto com a imagem: “é a unidade que desdobra a força caótica da grande parataxe em potência frástica de continuidade e potência imageadora de ruptura”. *In O destino das imagens*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012, p. 56.

Apresento, portanto, neste artigo, as conclusões oriundas do estudo prático que realizei sobre os palimpsestos carnavalescos da imagem-movimento ao desenvolver o enredo *De Roliúde ao sertão: Luz, câmera, ação!*⁴

O DESFILE DO DIZÍVEL AO VISÍVEL

As apresentações das Escolas de Samba relacionam palavras e imagens para colocá-las em uma relação dialética, a qual não ocorre tão somente por ocasião do desfile (entre letra do samba cantado e as visualidades apresentadas), mas se opera logo após a escolha o enredo.

A produção de qualquer desfile inicia-se com a elaboração da sinopse do enredo⁵, o texto fundamental – aquilo que aqui, juntamente com o roteiro do desfile, chamo de *dizível* – que irá se desdobrar materialmente na *mise-en-scène* carnavalesca em sons e imagens – o *visível*⁶. No caso em tela, optou-se por uma temática que abordasse a cultura nordestina através de uma perspectiva cinematográfica.

Figura 1 – Logo do enredo do GRES. Acadêmicos Engenho da Rainha, carnaval 2020.



Fonte: Acervo pessoal. Designer Felipe Cunha.

O texto divide-se em apresentação, justificativa e a sinopse propriamente dita⁷. A apresentação, informal e pouco informativa, pretendia a *captatio benevolentiae* do leitor. A justificativa demonstrava a relevância da abordagem proposta. A sinopse propriamente dita foi escrita

⁴ Participaram como assistentes do projeto: Carolina Campos, Felipe Cunha e Pauline Abreu, pós-graduandos em Figurino e Carnaval pela Universidade Veiga de Almeida, cuja dedicação e empenho foram essenciais para os resultados alcançados.

⁵ Para elucidar a diferença entre samba-enredo e enredo, aspectos que se confundem de forma recorrente na fala sobre as Escolas de Samba, transcrevo aqui o conceito de Júlio César Farias: enredo é “a peça fundamental que desencadeia o complexo macrotexto audiovisual do desfiles das Escolas de Samba”. Sob a perspectiva literária, pressupõe o encadeamento narrativo de ações; sob uma perspectiva semiótica, propõe um conjunto de signos visuais a serem decodificados. *In* O enredo de escola de samba. Rio de Janeiro: Literis Ed., 2007, p. 13.

⁶ Os próprios critérios de julgamento dos desfiles põe em manifesto a relação entre o que se vê e o texto da sinopse, uma vez que são comuns as penalizações de quesitos visuais sob a justificativa de inadequação ao enredo proposto.

⁷ Vide texto completo da sinopse. Disponível em: <https://www.galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-do-engenho-da-rainha/2020/>.

em versos, em referência à estética da literatura de cordel, empregando títulos de filmes consagrados para conectar a narrativa com a própria agremiação desfilante:

Um dia cheguei ao Rio de Janeiro,/Eu, retirante que sou,/Paraíba, sim, *sinhô!*/Na “Central do Brasil” embarquei,/Com *sodade* da minha terrinha,/Mas um novo lar encontrei / Na Estação Engenho da Rainha. / Senhoras e senhores espectadores, / Chegou a hora de um feliz final!/Toque o fole, sanfoneiro!/Tira onda, batuqueiro! / “Eu, tu, eles”, vamos todos forró-sambar! / Baianas, cabrochas e ritmistas, / Partideiros e repentistas,/No tapete vermelho e branco/Fazem um grande musical! / Aplaudido pelo público, / Premiado pela crítica, / Num desfile triunfal / Desce o Morro do Engenho: / Na Primeira Academia, / Todo filme sempre acaba em CARNAVAL! (JESUS, 2019, p. 4, 5)

As visualidades de uma *Roliúde* nordestina

Primeiramente, esclareço que os comentários serão apresentados neste artigo conforme a ordem em que as imagens foram exibidas no desfile, para manter a linearidade da narrativa carnavalesca que articulou o dizível da sinopse e o visível desdobrado imagetivamente.

O trecho final da sinopse, destacado no tópico anterior, foi modificado após sua primeira publicação, para incluir o verso “*Paraíba, sim, sinhô!*”, em virtude da lamentável declaração em que o Presidente da República chamou os governadores nordestinos de *paraíba*. Ademais, alguns meses depois, ocorrera o infeliz episódio em que diversos cartazes de películas clássicas do cinema nacional haviam sido retiradas das paredes da ANCINE.

Figura 2 – Apresentação da comissão de frente para os jurados.



Fonte: Site Carnavalesco. Disponível em <https://www.carnavalesco.com.br/engenho-da-rainha-traz-hollywood-para-o-nordeste-brasileiro-em-desfiles-com-altos-e-baixos/>

A sinopse serve como texto base para a composição do samba-enredo. Desta forma, solicitei aos compositores que transcrevessem na letra do samba a frase “*Paraíba, sim, sinhô!*”, para usá-la como ferramenta dramática na apresentação da comissão de frente. O grupo encenou a chegada do cinema a uma cidade do interior nordestino: oito casais representavam uma elite latifundiária engalanada para a *première*; entravam no cinema desejando admirar galãs e mocinhas com aparência eurodescendente e se deparavam com uma protagonista sertaneja, cuja beleza decolonial os fez assumir sua cultura e o orgulho de serem nordestinos. No clímax da apresentação, o verso “*Paraíba, sim, sinhô!*” era gritado pelos componentes da comissão de frente, que revelavam cartazes de filmes até então ocultos para realizar um ato de resistência em defesa do cinema nacional. Os cartazes,

portanto, foram empregados por sua potência enquanto palimpsestos simbólicos, destinados a uma tomada de consciência pelo espectador.

Após a comissão de frente, apresentou-se o casal de Mestre-sala e Porta-bandeira em figurinos em preto e branco e com referências ao cinema e ao Nordeste, seguidos de duas alas igualmente em preto e branco. O objetivo dessa escolha cromática era promover um choque visual entre a estética do cinema clássico e o colorido da cultura nordestina. Ademais, tal escolha conseguiu um efeito de destaque para a cor vermelha na bandeira da agremiação.

A partir de então, iniciaram-se as diversas referências à cinematografia nordestina e ao emprego dos palimpsestos carnavalescos da imagem-movimento.

O abre-alas, intitulado *A riqueza de uma cultura fértil* introduzia a temática proposta e trazia referências ao dizível contido na apresentação da sinopse, que anunciava o início da sessão no *Cine Engenho da Rainha*, associado ao trecho da justificativa que enfatizava a fertilidade da cultura nordestina em oposição à aridez do sertão. Desta forma, cartazes de grandes sucessos da cinematografia nordestina foram dispostos ao longo da alegoria sobre um tecido estampado com a aparência do “chão rachado” e rodeados por cactos e esculturas de tipos sertanejos, além de uma grande cabeça de cangaceiro. Imagens que funcionaram como palimpsestos representativos e simultaneamente ostensivos. Como palimpsesto representativo, ilustravam *ipsis litteris* determinado trecho da sinopse. Como palimpsesto ostensivo, pretendiam promover o reconhecimento imediato do público enquanto imagem cinematográfica. Tratava-se de uma estratégia para obter a identificação imediata sobre o enredo proposto e a *captatio benevolentiae* do público, uma vez que os enredos apresentados nos desfiles dos grupos de base do carnaval carioca não dispõem da mesma divulgação que aqueles desenvolvidos para a Av. Marquês de Sapucaí, sendo comum que os espectadores compareçam às arquibancadas sem terem qualquer conhecimento sobre os enredos que serão apresentados pelas agremiações desfilantes. A compreensão adequada e inequívoca sobre o tema que se desdobraria, a seguir, era fundamental para despertar o interesse e o apoio do público presente e garantir o sucesso do desfile.

A ala *O cenário do agreste* constituiu outro exemplo de imagem operada enquanto palimpsesto representativo e ostensivo simultaneamente. Representativo por estabelecer uma relação de representação com o trecho da sinopse que afirmava a aridez da caatinga como o cenário perfeito para os filmes de ação; ostensivo porque, ao mesmo tempo, fazia referência ao filme *Mandacaru vermelho*: no figurino dos componentes destacava-se um grande mandacaru confeccionado em vime e forrado com renda vermelha, recurso que promovia o entendimento imediato do significado pretendido, inclusive por parte de quem desconhecesse a película.

Por sua vez, a fantasia da ala *Maracatu nazareno* operava enquanto palimpsesto simbólico: promovia um choque de elementos heterogêneos – especificamente os guarda-chuvas do maracatu e os chapéus com chifres vermelhos – para convocar o espectador a uma reflexão relativamente à intolerância religiosa praticada por líderes evangélicos na Zona da Mata pernambucana, tema abordado pela película *Azougue Nazaré*.

Figura 3 – Ala *O cenário do agreste*.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 4 – Ala *Maracatu nazareno*.



Fonte: Riotur. Fotógrafo: Nelson Perez. Disponível em <https://www.flickr.com/photos/riotur/49586726412/>

O elogiado e premiado *Boi Neon* serviu como referência visual para a ala *Boiada Multicolor*, cujo figurino pretendia apropriar-se da estética do cartaz do longa-metragem para abordar, a partir da experiência do vaqueiro *Iremar*, as construções identitárias e a sensação de pertencimento na região do semi-árido nordestino, microcosmo que, no desfile, funcionou como metáfora para toda a sociedade brasileira.

Figura 5 – Protótipo confeccionado para adereço de cabeça da ala *Boiada Multicolor*, inspirado no cartaz do filme *Boi Neon*.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 6 – Ala *Boiada Multicolor*.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

A proposta original para a fantasia da ala consistia em uma *segunda pele* rosa-choque, um saiote em pelúcia e um chapéu que trazia uma cabeça de vaca esculpida em espuma e forrada com pelúcia, enfeitado com plumas azuis e penas artificiais confeccionadas com chitão de base amarela, além de tiras cortadas, também, no mesmo tecido. Saiote e chapéu deveriam receber uma pintura de arte inspirada no cartaz de *Boi Neon*, conforme protótipo realizado previamente. Por questões orçamentárias, não foi possível realizar a pintura de arte pretendida nos saiotes e nos adereços de

cabeça. Tal episódio, felizmente, não comprometeu a leitura da fantasia e o entendimento dos seus significados enquanto palimpsesto simbólico.

Considerando a quantidade de segmentos que compõem um desfile na Estrada Intendente Magalhães, não foi possível apresentar uma ala ou uma alegoria para cada filme referido na sinopse. O enredo *De Roliúde ao Sertão: Luz, Câmera, Ação!* desdobrou-se materialmente em apenas 15 alas e 3 alegorias. Desta forma, algumas películas foram agrupadas em uma mesma imagem carnavalesca tendo em vista a aproximação entre suas temáticas e seus argumentos. *Lamarca*, personagem histórico e protagonista do filme homônimo, emprestou seu nome também à ala que fazia referência a todos os filmes que abordam a resistência armada no sertão nordestino, como *Guerra de Canudos* e *Bacurau*.

Figura 7 – Ala Capitão Lamarca e outros cabras-machos.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

No figurino da ala destacava-se uma grande cabra vermelha⁸, cor associada ao socialismo e à luta dos movimentos de esquerda. Completavam o figurino camiseta, calça e braceletes confeccionados em tecido camuflado, além de aplicações do mesmo tecido com fitas de cetim verde e amarela no chapéu e no corpo da cabra.

O ROTEIRO DO DESFILE

Além da sinopse do enredo, produz-se também um documento denominado *roteiro do desfile*, que é enviado tão somente à instituição que promove a competição para ser distribuído aos julgadores e à imprensa que realiza a cobertura e transmissão do espetáculo.

Nos desfiles do Grupo Especial – o grupo principal do carnaval carioca – tais documentos são publicados no *Livro Abre-Alas*, porém o mesmo não ocorre com os desfiles da Estrada Intendente Magalhães, plateia na qual julgadores e jornalistas são os espectadores privilegiados do evento, que dispõem da informação textual em sua completude e podem relacioná-la adequadamente às visualidades apresentadas. Para corrigir tal distorção e facilitar o entendimento dos palimpsestos no enredo *De Roliúde ao Sertão: Luz, Câmera, Ação!*, apresento, a seguir, o roteiro geral do desfile, enviado à instituição organizadora do espetáculo.

⁸ Confeccionada como uma *burrinha*, tradicional estrutura utilizada nos desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro e que simula o corpo de um animal quadrúpede em volta da cintura do componente.

Segmento	Nome	Significado
Comissão de frente (12 componentes)	Cine Engenho da Rainha: <i>Paraíba, sim sinhô!</i>	<p>A comissão de frente encenará a empolgação dos moradores com a chegada da sétima arte a uma cidade do interior nordestino. Uma elite latifundiária veste sua melhor roupa e se enfeita de cores para a <i>première</i>. Guiados pelo lanterninha, entram no cinema acreditando que vão suspirar com galãs e mocinhas de pele branca, cabelos loiros e olhos azuis. Mas para seu espanto, os protagonistas do filme representam os tipos sertanejos por eles explorados. Nesta sessão carnavalesca de cinema, se materializam em frente aos espectadores a professora <i>Olivia</i> (interpretada por Marisa Prado em <i>O Cangaceiro</i>), a bandoleira <i>Rosa</i> (interpretada por Yoná Magalhães em <i>Deus e o Diabo na Terra do Sol</i>) e o Cristo negro <i>Emanuel</i> (interpretado por Maurício Gonçalves em <i>O Auto da Compadecida</i>). As belezas brejeiras da ingênua <i>Olivia</i> e da sensual <i>Rosa</i> encantam os espectadores, enquanto a mensagem de amor e compaixão de <i>Emanuel</i> toca os seus corações. Ao longo do filme, percebem que lugar igual ao deles não há e ao fim da sessão, assumem o orgulho de serem nordestinos. A encenação, então, dá lugar a um ato de resistência em defesa da cultura nordestina e do cinema nacional. Em dezembro de 2019, a ANCINE retirou da parede os quadros com cartazes de filmes considerados "inadequados" pela sua atual diretoria. Dentre eles, "Deus e o Diabo na Terra do Sol", aclamado em todo o mundo (redondo) como o melhor filme brasileiro de todos os tempos! Por isso, neste momento, os componentes exibem cartazes de clássicos da filmografia nordestina e afirmam em alto e bom som: PARAÍBA, SIM SINHÔ!</p> <p>Oito componentes representarão os espectadores. Seus figurinos inspiram-se na Belle Époque, estilo da moda francesa cuja influência se fez presente em todas as grandes cidades brasileiras no começo do século XX. Naquela época, as capitais nordestinas também se "afrancesaram". O ponto de partida de nosso enredo é o filme "O Cangaceiro", de 1953, quando a moda da Belle Époque já não era mais seguida pelos habitantes das cidades grandes. Entretanto, optou-se por essa silhueta para representar uma elite ruralista atrasada, que, apesar de cafona, pensa estar na última moda. O lanterninha usa um figurino vermelho e branco, em homenagem às cores do GRES. Acadêmicos do Engenho da Rainha. <i>Olivia</i>, <i>Rosa</i> e <i>Emanuel</i> usam figurinos inspirados em seus personagens homônimos das telas do cinema.</p>
Primeiro casal de Mestre-sala e Porta-bandeira	O galã e a mocinha	Protagonistas do desfile de qualquer escola de samba, ninguém melhor que o primeiro casal de Mestre-sala e Porta-bandeira para representar o galã e a mocinha, personagens principais do filme que hoje exibimos no Cine Engenho da Rainha!
Ala 1 (25 componentes)	Fotogramas	Denomina-se fotograma cada uma das imagens impressas na película cinematográfica. Projetados sobre uma tela a uma velocidade constante, produzem no espectador a sensação de movimento. Assim como no carnaval, o que vemos no cinema é pura ilusão!
Ala 2 (35 componentes)	O Diretor	Não existe filme sem um diretor: a ele cabem as escolhas narrativas e a palavra final sobre as decisões estéticas. Atores, cenógrafos, figurinistas, iluminadores, maquiadores, etc... todos os profissionais da indústria cinematográfica se tornam "supermarionetes" em suas mãos. Além de todos os cineastas brasileiros que dirigiram filmes sobre o Nordeste, esta ala homenageia também Orson Welles, diretor norte-americano que, em 1942, embarcou rumo ao Nordeste do Brasil para filmar " <i>Four Men on a Raft</i> ", filme que contaria a história verídica da viagem marítima de quatro jangadeiros cearenses ao Rio de Janeiro. O projeto foi suspenso, dentre outros motivos, pelo descontentamento de autoridades do governo brasileiro com a presença de muitos negros nas imagens. O material foi redescoberto nos anos 1980, e lançado em 1993 com o título de "É tudo verdade – Um filme inacabado de Orson Welles". Da Hollywood de lá pra <i>Roliúde</i> de cá, Mr. Welles cai no samba para homenagear todos os diretores que projetam nas telas a cultura e a beleza nordestinas.
Ala 3 (40 componentes)	Meu bode é rei	No Cariri paraibano, localiza-se a cidade de Cabaceiras, intitulada " <i>Roliúde Nordestina</i> " por ter sido escolhida como locação das filmagens de mais de 30 filmes. O Memorial Cinematográfico de Cabaceiras exibe fotografias, roteiros e material

[Aqui Jaz o Último Ato: 3º Cine-Fórum da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul]

		usado nas gravações. Entre os meses de maio e junho, ocorre a Festa do Bode-Rei, a principal da cidade, que tem como ponto alto a coroação de um bode.
Alegoria 1 (16 componentes)	A fértil cultura de uma terra seca	A riqueza de uma cultura que floresce em meio às adversidades da região: esse é o verdadeiro motivo do grande sucesso dos filmes ambientados no Nordeste do Brasil!
Destaque Nilo Cesar Barbosa	Sol Inclemente	Muito presente na vida e na rotina das populações nordestinas, o Sol representa a luz que é fonte de vida e calor ao mesmo tempo em que racha o solo e arrasa as plantações. Verdadeiro anti-herói, amado e odiado, sua importância é tamanha que Glauber Rocha escolheu rebatizar o Nordeste como “Terra do Sol”, no filme que é considerado a sua grande obra prima.
Destaque Ronaldo Reis	Luar do Sertão	“Lua bonita, meu São Jorge é teu senhor e é por isso que ele <i>vê</i> pisando no teu esplendor”... os versos do cancionero regional compõem a elogiada trilha sonora do filme “O Cangaceiro” e mostram que a Lua é tão importante quanto o Sol na cultura popular nordestina. As cenas noturnas da película mostram as festas dos bandoleiros ao luar e ao som da sanfona e da viola.
Ala 4 (40 componentes)	O cenário do agreste	Desde o “Ciclo do Cangaço”, a aridez da caatinga se mostrou o cenário perfeito para os filmes de ação ambientados no Nordeste. O figurino dessa ala faz referência ao filme “Mandacará Vermelho”. Clara, a mocinha do filme, apesar de estar prometida a outro homem, se apaixona por um vaqueiro e com ele foge para se casar. Mas sua família os persegue com sede de vingança. O sangue que escorre desse confronto tingem o solo e faz brotar uma nova espécie: o mandacaru vermelho.
Musa Jéssica Guirgo	O Dragão da Maldade	Na cultura popular nordestina, as figuras diabólicas personificam todo o mal que assola a população sertaneja. Inspiraram diversos personagens, como o cangaceiro Satanás de “Deus e o Diabo na Terra do Sol” e o Diabo de “O Auto da Compadecida”. De forma metafórica, aparecem também em títulos de filmes, como “O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro” e “Corisco, o Diabo Loiro”.
Ala 5 (30 componentes)	Maracatu Nazareno	O recém-lançado “Azougue Nazaré”, rodado na cidade pernambucana de Nazaré da Mata, aborda a intolerância religiosa, mostrando como o maracatu é associado a práticas demoníacas pelos líderes evangélicos da região.
Ala 6 (30 componentes)	Boiada multicor	Retrata a vida de gado de um povo marcado, porém feliz, a partir da estética do cartaz do longa “Boi Neon”, que conta a história de um vaqueiro cujo maior sonho é tornar-se estilista.
Ala 7 – Passistas (30 componentes)	<i>Sex Symbols</i> Tupiniquins	Nossos passistas representam o Cacique Itaparica e sua filha Paraguaçu, personagens de “Caramuru, a Invenção do Brasil”. No longa-metragem, o diretor Guel Arraes mostra que desde os tempos do Brasil colonial a mulher nordestina é vista como símbolo de sensualidade.
Rainha de Bateria	Maria Bonita, Rainha do Cangaço	Representa o filme homônimo de Miguel Borges, que integra o “Ciclo do Cangaço” no cinema brasileiro e retrata a vida da companheira de vida e resistência de Lampião.
Bateria (120 componentes)	Bando de Cangaceiros	O banditismo social brasileiro ocorrido no Nordeste do país entre meados do século XIX e início do século XX foi grande fonte de inspiração para o cinema nacional. Diversos cangaceiros tiveram suas histórias contadas em roteiros de ação e aventura, como “O Cangaceiro”, “Corisco, o Diabo Loiro”, “Lampião, o Rei do Cangaço”, “A Morte comanda o Cangaço”, dentre outros. E inspiraram até mesmo comédias, como “Os Três Cangaceiros” e “O Primo do Cangaceiro”.
Ala 8 (30 componentes)	Cupido Cabrada-pesto	“Amor é isso mesmo. A gente se encontra de repente e descobre que um esteve a vida inteira esperando pelo outro.” Na primeira cena romântica da nossa <i>Roliúde</i> , a professora Olívia e o bandoleiro Teodoro trocam declarações de amor. A eles, se seguiram tantos outros corações apaixonados... De Lampião e Maria Bonita ao amor LGBTQIA+ de “Praia do Futuro”, passando pelo triângulo amoroso sobrenatural de “Dona Flor e seus dois maridos” e pelo poliamor de “Eu, tu, eles”, o Cupido Cabrada-pesto flecha geral, sem preconceitos e abraçando todas as formas de amar!

[Aqui Jaz o Último Ato: 3º Cine-Fórum da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul]

Destaques de chão	Dona Flor e seus dois Maridos	Dona Flor (Samile Cunha), com toda sua sensualidade, salta da tela do cinema para cair no samba ao lado do atual marido Teodoro (Rodrigo Brabo). Mas Vadinho (Jonathan Avelino), seu primeiro marido, falecido num domingo de carnaval, ressuscita nesta terça-feira gorda para se intrometer no casal e animar o nosso desfile!
Ala 9 (30 componentes)	Capitão Lamarca e outros cabras-machos	Lamarca, o capitão mais arretado do Exército Brasileiro, se une a Antônio Conselheiro e aos cabras-machos de “Bacurau” nessa ala que representa os filmes de guerra que retratam a resistência armada no sertão.
Alegoria 2 (2 componentes)	Cowboys vs. Cangaceiros	O duelo entre gringos e sertanejos pela posse da terra em “Bacurau” ganha um toque lúdico inspirado na animação “ <i>Toy Story</i> ” da Hollywood de lá, revisitando ainda as batalhas entre cristãos e mouros, representadas nas cavalcadas, tradicionais em alguns Estados do Nordeste.
Destaques	Carcarás	A temida ave de rapina do sertão, que pega, mata e come!
Ala 10 (25 componentes)	Autos de fé	A religiosidade, o catolicismo popular e o sincretismo são recorrentes na filmografia nordestina em histórias que contam a resistência de um povo pela fé. Valei-me, <i>Padim Ciço!</i> Salve o Beato Sebastião! <i>Epahey</i> , Iansã! Nessa “Tenda dos Milagres”, “Deus é Brasileiro” e é nordestino!
Ala 11 (30 componentes)	Demônio da Cobiça	Cão, encourado, cramunhão... não importa por quantos nomes o diabo seja conhecido por lá, nossos cineastas costumam associá-lo aos pecados da cobiça, ganância e avareza.
Ala 12 (30 componentes)	Mãos ao alto!	Os filmes “Assalto ao Banco Central” e “Aquarius” mostram como a temática da ganância pode ser abordada no cinema sob óticas diferentes: de um lado do figurino, a mão que carrega sacos de dinheiro representa a quadrilha de assaltantes que põe as mãos no dinheiro de todos nós; do outro, a mão capitalista que se beneficia da especulação imobiliária assedia e angustia uma viúva oferecendo-lhe moedinhas pelo seu apartamento à beira-mar.
Ala 13 (25 componentes)	Espantalhos	A cultura nordestina é cheia de ritmo, então não poderia faltar um musical na nossa <i>Roliúde!</i> Essa musicalidade envolvente foi captada pelas lentes do diretor Sérgio Ricardo em “A Noite do Espantalho”, estrelado por Alceu Valença. Apesar do título, a maioria das cenas passam-se durante o dia, debaixo de sol forte, tendo a seca papel importante no desenrolar da trama. Nesta ala, os componentes representarão um milharal com espantalhos.
Grupo de Pernaltas	Sol	Representam o sol que assola a população oprimida pelo Coronel Frágoso no musical “A Noite do Espantalho”.
Musa Dandara Rodrigues	Tricolor de Aço	O documentário “Meu Tricolor de Aço” mostra que os nordestinos também são bons de bola!
Ala 14 - Baianas (40 componentes)	Nordeste, teu Engenho é da Rainha	As mulheres rendeiras que chegaram ao Morro do Engenho, ensinaram a fazer renda e aprenderam a sambar! Hoje, são as matriarcas de muitas famílias da Comunidade, desempenhando papel fundamental na preservação do samba e da cultura nordestina na localidade.
Segundo Casal de Mestre-sala e Porta-bandeira	A primeira Academia	Desde o começo de sua formação, a Comunidade do Morro do Engenho recebeu migrantes do Nordeste do Brasil. Toda a riqueza cultural que trouxeram na bagagem influenciou na formação de nossa escola de samba, que é aqui homenageada pelo segundo casal de Mestre-sala e Porta-bandeira em um figurino em verde e rosa, as cores originais da Acadêmicos do Engenho da Rainha em sua fundação.
Ala 15 (25 componentes)	SerTOON	A comunidade nordestina do Engenho da Rainha desce o morro em romaria para cair no samba e exibir na Intendente Magalhães o orgulho de sua terra natal. Esta ala é formada por figurinistas e artistas plásticos oriundos da Escola de Belas Artes da UFRJ e da Pós-graduação em Figurino e Carnaval da Universidade Veiga de Almeida, que aceitaram o convite de desenhar e confeccionar um figurino individualizado, usando como referência a estética dos desenhos animados, caracterizados por cores fortes e formas exageradas. Nessa proposta inédita de um <i>cartoon</i> sertanejo, representarão, de

		forma lúdica, a fé e a esperança daqueles que migraram em busca de melhores condições de vida e encontraram um novo lar no Morro do Engenho. O adereço em forma de grandes mãos dá unidade aos figurinos: a mão que dedilha a sanfona é a mão que reza para a <i>Vixe Maria</i> e a mesma que batuca o pandeiro!
Alegoria 3 (06 componentes)	<i>And the winner is...</i>	A mistura da Hollywood de lá com a <i>Roliúde</i> de cá deu tão certo que rendeu até frutos. Neste Festival Carnavalesco de Cinema, a Primeira Academia encerra seu desfile aplaudida pelo público, aclamada pela crítica e premiada com a <i>Oscarina</i> , filha do gringo Oscar com a sertaneja Severina. Com seu traje de gala, a Velha Guarda representa os indicados ao troféu e assume lugar de destaque na alegoria para a cerimônia de entrega do prêmio <i>Oscarina 2020</i> .

Fonte: Acervo do autor

CONCLUSÃO

Ao abordar a cinematografia nordestina, o desfile do GRES. Acadêmicos do Engenho da Rainha no carnaval 2020 obviamente foi atravessado por diversas imagens do cinema nacional. Não apresentei todas detalhadamente neste artigo; entretanto, destaquei aquelas que se demonstraram mais potentes enquanto palimpsestos carnavalescos da imagem-movimento.

As investigações teóricas possibilitaram-me concluir a existência de quatro planos de relações entre o dizível da sinopse de um enredo e as imagens cinematográficas subjacentes às imagens carnavalescas: *representativa, indicial, simbólica e ostensiva*. Rol que não se pretendeu taxativo, mas aberto a revisões, pois o desfile das Escolas de Samba constitui evento dinâmico no tempo e no espaço, e se redefine constantemente desde o seu surgimento nos anos 1930.

Por sua vez, o trabalho de campo conduziu-me a outra perspectiva. Do lugar desde onde observa o pesquisador, as classificações acima se mostravam rígidas e delimitadas. Por outro lado, do lugar de quem produz a imagem carnavalesca, foi possível operar os palimpsestos não como modelos fixos, mas como categorias que se comunicam e podem até mesmo hibridizar-se, como nos exemplos em que determinadas imagens carnavalescas funcionaram simultaneamente como palimpsestos representativos e ostensivos de imagens cinematográficas.

Ademais, a aplicação prática dos palimpsestos carnavalescos pretendia também promover a leitura clara e inequívoca do enredo *De Roliúde ao Sertão: Luz, Câmera, Ação!* A recepção do desfile demonstra haver alcançado tal objetivo: a clareza na transmissão da mensagem foi consenso na cobertura da imprensa escrita e na transmissão ao vivo dos desfiles em canais da plataforma Youtube; os jurados do quesito Enredo validaram a apresentação atribuindo duas notas 10,0 e duas notas 9,9; todos os jurados dos quesitos Fantasias e Alegorias e Adereços, cujo julgamento relaciona as imagens com a proposta textual da sinopse, atribuíram notas 10,0 ao desfile. Ademais, a agremiação foi indicada ao *Prêmio Machine Bastidores do Carnaval* na categoria *Melhor Enredo*, tendo este pesquisador sido agraciado como *Melhor Carnavalesco* da Intendente Magalhães pela mesma premiação.

Através do fazer artístico do carnaval, portanto, pude aplicar as minhas investigações teóricas e operar os palimpsestos carnavalescos da imagem-movimento a serviço da narrativa carnavalesca para desdobrar visualmente o dizível contido na sinopse e, assim, permitir aos espectadores, julgadores e crítica especializada, a leitura adequada e imediata das imagens apresentadas.

REFERÊNCIAS

ACERVO RMARÇAL. [Desfile] Acadêmicos do Engenho da Rainha 2020. Youtube, 09 jul. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MJB1hEKobdw&t=144s>. Acesso em 23 set. 2021.

FARIAS, Júlio César. **O enredo de escola de samba**. Rio de Janeiro: Literis Ed., 2007.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: la literatura en segundo grado**. Madri: Taurus, 1989.

JESUS, Leonardo Augusto de. **De Roliúde ao Sertão: Luz, Câmera, Ação!** Sinopse de enredo do GRES. Acadêmicos do Engenho da Rainha, 2019. Disponível em: <https://www.galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-do-engenho-da-rainha/2020/>. Acesso em 25 set. 2021.

_____. **Palimpsestos Carnavalescos da Imagem-movimento**. Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 8, Londrina, 2021. Caderno de Resumos do VIII Encontro Nacional de Estudos da Imagem. Universidade Estadual de Londrina, Londrina: 2021, p. 528.

_____. “Roteiro geral do desfile”. In **Ficha Técnica – Carnaval 2020**. Rio de Janeiro, LIESB, Gres. Acadêmicos do Engenho da Rainha, 2020.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **A tela global: Mídias culturais e cinema na era hipermoderna**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

_____. **O inconsciente estético**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

_____. **A fábula cinematográfica**. São Paulo: Papirus Editora, 2013.

SAMPAIO, Diogo. Engenho da Rainha traz Hollywood para o Nordeste brasileiro em desfiles com altos e baixos. Site Carnavalesco, 2020. Disponível em: <https://www.carnavalesco.com.br/engenho-da-rainha-traz-hollywood-para-o-nordeste-brasileiro-em-desfiles-com-altos-e-baixos/>. Acesso em 23 set. 2021.